

## **O ramo verde**

**Adelina Lopes Vieira**

Frederico era estouvado,  
não aceitava conselhos;  
ria e zombava, coitado!  
das sábias lições dos velhos.

Sofia, meiga criança,  
era o contraste perfeito  
do irmão, uma pomba mansa  
sem o mais leve defeito.

Dera o papai aos pequenos  
dois canteiros bem plantados,  
em tudo iguais; mas em menos  
de um mês estavam mudados.

O de Sofia, que encantos!  
Tinha fartura de rosas,  
cravos, baunilha, agapantos,  
e violetas perfumosas.

No outro havia mamona,  
urzes, trifólios, urtigas  
e uns restos de manjerona  
já roída das formigas.

Foram à tarde a passeio  
no jardim os dois; Sofia  
colhia rosas; em meio  
disse ao irmão: — que alegria!

Vou dar à mamãe um ramo  
das minhas amadas flores!  
a sua alcova embalsamo  
e alcanço beijos e amores!

— Dás-me esta rosa encarnada,  
Sofia, p'ra o seu cabelo?  
— Dou, mas não levas mais nada;  
corrige o teu desmazelo.

Trabalha, meu preguiçoso!  
Ouro é o tempo que se perde  
não deves ser ocioso,  
nem pôr pé em ramo verde.

Só assim terás emenda!  
— Tens graça, linda agoireira;  
vais ver, minha doce prenda,  
se a sentença é verdadeira.

Disse, e subiu apressado

a verde acácia frondosa,  
e lá, de um ramo delgado,  
gritou à irmã receosa:

— Não vês o ramo... sensata?  
o pisá-lo não me aterra...  
Mal acabara a bravata,  
partiu-se o ramo, ei-lo em terra.

Na queda quebrou um braço,  
Sofia teve um fanico...  
Mas deixou de ser madraço  
o pequeno Frederico.